

DE VOLTA À ILHA DOS CONFINS

Débora Assumpção Lima¹

A ressaca do mar que rebatia no madeirite improvisado há mais de cinco anos acabou de retoar na cabeça de João num cinzento dia de infundável enxaqueca. Após levantar do tapete de taipa com fios podres de rede, começou a colar as fotografias entorpecidas da madrugada. Lembrara-se do amigo do bilhar sendo arrastado para a Estrada da Mão Branca. Esse caminho aproxima os homens de Deus. Estranho que o camarada que levava o amigo não tinha rosto. Tentou colar diversas faces no personagem que participava da cena que se reproduzia incessantemente para talvez encontrar nelas alguma característica que de fato pertencesse ao real. Vendo que o exercício não iria levar em lugar algum, tomou um farto gole de água e resolveu pensar nos afazeres do dia.

Com a morte da mulher no mês passado, a casa ainda não tinha tomado uma nova forma. As painéis continuavam no mesmo lugar, com o pesar da cama vazia. A filha recém-renascida foi deixada para não alterar o conteúdo da casa que já havia sido atingido por uma fatalidade.

A vida tinha um ritmo cadenciado por um vai e vem do tempo lento da mistura rio-mar. A batida do doce arenoso com o salgado confundia as crenças daquele homem. Apesar do colorido do barco ser diferente, todo pescador vai para aonde o vento assopra. A rede aberta à espera do que seria o alimento – o almoço do dia, a compra do mercado que ainda está pendurada, o sustento da filha. Mas apesar das preocupações cotidianas, olhava para a rede e se lembrava da mulher. Sim, ela ainda era sua. O emaranhado dos fios que pouco se mexiam era um aviso da chegada da morte para alguns. Se tivesse sorte, para muitos. A rede pega de tudo: betara, atum, olho de boi e peixe-galo.

Não era possível arrastar nada daquele lugar – diziam os escassos visitantes que de quando em vez apareciam ou para abastecer a vila e trazer algumas notícias de outro mundo ou por força do destino. Fora um desses. Família pobre, já tinha tentado de tudo um pouco que a vida lhe ofereceu. Conseguiu encontrar alguma alegria no roçado, mas

¹ Instituto de Geociências - Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. E-mail: deborassumpçãolima@gmail.com.

a grilagem estava comendo solto e assim se fez melhor deixar a terra e mudar de ocupação. Vendo a humilhação das humildes casas que desapareciam e davam lugar a paisagem de uma cultura só não esperou que chegasse a sua vez para fazer as malas. Fechou a bagagem e deixou os grilos em paz.

Era muito comum no inverno, nas madrugadas em alto-mar, ficar recortando memórias melancólicas do campo. Assim que uma possível lágrima fosse se formar, olhava para o mais forte ponto de luz no horizonte – um farol quando podia – e engolia seco. Homem não chora nem na companhia de si mesmo. Além disso, sempre algum deus vai estar vendo. Lembrava das tonalidades de verde da horta com prazer que ignorava o cansaço. Olhando para a janela que apontava o barco para norte, percebeu que não conseguia imaginar um retorno ao antigo lar. A vida dá voltas mas nunca volta ao mesmo lugar, e se voltar ele não será mais o mesmo. Ninguém deve voltar à terra onde um dia foi feliz.